A PLEBE

ASSIGNATURAS
ANNO . . 10$000 — SEMESTRE . 5$000
Numero avulso: Da semana, $100; atrazado, $200
As assignaturas começam sempre no 1.º do mez em que são tomadas

Redacção e Administração:
Rua 15 de Novembro, 16 (Sobrado) — S. PAULO
Endereço: Caixa Postal, 195

ANNO II — NUM. 14
São Paulo, 24 de Maio de 1919
PUBLICA-SE AOS SABBADOS

"A PLEBE" diaria

Mais do que nunca se evidenciou agora a necessidade premente de uma imprensa genuinamente nossa. Mas os semanarios não bastam. Precisamos de um diario.

Neste sentido está lançada a idéa: transformar-se "A Plebe" em quotidiano.

Nós estamos dispostos e promptos a metter mãos á obra immediatamente. Que dizem os companheiros?

Si todos concordam, si o proletariado de S. Paulo quer ter um diario seu—não ha tempo a perder: que se manifestem as iniciativas e se concretizem os desejos.

Cremos que uma emissão de acções a 5$000, por exemplo, rapidamente coberta, forneceria o fundo indispensavel ao inicio da obra.

Mas isto deve ser feito já e já, que o tempo vôa!

Viva "A Plebe" diaria!

Papelada para a fogueira...

O clamor das gréves parece que chegou até aos vice-presidenciaes ouvidos do sr. Delfim Moreira. A sua recente mensagenzinha ao Congresso prova bem que as suas ouças, apezar de apenas interinamente se terem alçado ás alturas governamentaes do Cattete, não são de todo inaccessiveis ás atoardas da plebe cá de baixo. E' claro que taes motivos não se apontam abertamente como sendo os que determinaram a pressurosa attitude. Seria inconveniente ao decôro do cargo, e além disso revelaria uma desprimorosa immodestia mental, o que não é das normas peculiares aos estadistas mineiros... Assim, o sr. Delfim, modestamente, affirma aos congressistas que os «motivos plausiveis e justos», que reclamam leis e decretos trabalhistas, são constituidos pela «situação creada no mundo, pelos effeitos da conflagração, e, especialmente, a collaboração do Brasil entre os demais paizes, que juntos pelejaram...» E' encantador. Sobretudo si tivermos em conta que a heroica participação do Brasil na guerra nem chegou mesmo a ser devidamente apreciada pelos europeus embasbacados, porque a nossa invicta esquadra, quando lá chegou, já a guerra havia terminado, com a assignatura do armisticio... Mas as intenções ficaram de pé, valentemente, e é por isso que o senso atilado do sr. Delfim cita-as como constituindo o motivo especial, a razão particular e decisiva, que justificam e applaudem o trabalho legislativo em prol das classes operarias. Muito bem. Entretanto...

Eu suppunha o sr. Delfim Moreira um parvo rematado. Engano. Sob aquelle aspecto de imbecil definitivo esconde-se um espirito de rara sagacidade, senhor de uma visão agudissima sobre as coisas e os homens do tempo. Essa referida mensagenzinha vale por uma synthese perfeita dos democraticos dislates em curso, no Brasil, entre os governantes, a respeito da questão social, que agita os continentes. Estender-me-ia demasiado si fosse analysar conceito a conceito as palavras admiraveis do luminoso documento, cuja profundeza, mercê da sua lapidar condensação, talvez escapo á superficialidade palreira que caracterisa a gente do Congresso Nacional... Entretanto, como interessado directo na questão, eu me permitto fazer aqui uma observação fundamental. O sr. Delfim Moreira, que decerto planeja volver tranquillamente para a sua pacata Santa Rita do Sapucahy, ha de comprehender-me, e até louvar-me, no intimo, por mais que o sr. Aurelinoff (com licença do sr. Thyrsoff...) lhe diga que eu ando nas nuvens das utopias. Segundo o meu humillimo parecer, aquella condensação synthetica devia ser ainda mais praticamente condensada e synthetizada, dando-se-lhe um sentido positivo e quasi concreto. Por exemplo: «Srs. Deputados e Senadores.—Estamos perdidos. A revolução social qualquer destas manhãs entra-nos barra dentro, sem ligar ás fortalezas, e é muito capaz de não poupar o proprio Pão de Assucar. Isto vai ser uma calamidade. O melhor é nós todos desistirmos da governança e entregarmos tudo isto aos operarios. Para que resistir? E' pena, concordo, mas é preferivel, em ultimo caso, salvar o nosso pellego, que não é de ferro. Salvemo-nos, que a Patria por si mesma ha de salvar-se. O Aurelino, o prosa do Aurelino, que fique aqui sósinho e aguente o repuxo. Aceitem o meu conselho, que é de amigo». Tivesse o sr. Delfim tamanha franqueza, e a sua interinidade passaria á historia como a mais fecunda e a mais... prudente das interinidades da historia.

Porque chega ás raias do ridiculo appellar para o Congresso Nacional, nestas alturas em que vamos. Leis? decretos? codigos? Mas o proletariado não quer, nem precisa de leis, decretos ou codigos. O que o proletariado quer e o que vai em breve realizar, é a expropriação collectiva das riquezas sociaes, transformando consequentemente, pelas bases, o actual regimen economico e politico. Ora, estas coisas só se poderão obter pelo facto, pelo acto, pela acção, e nunca pelos codigos, decretos e leis.

E é inutil tergiversar e querer empanar os olhos dos papalvos com as tumidas promessas. Foi-se de vez o tempo das illusões. A hora é das reparações definitivas e radicaes.

Esta conquista minima e elementar das 8 horas serve de exemplo. Ella tem sido obtida, não em virtude de qualquer lei, mas exclusivamente pelo esforço directo dos trabalhadores, pela greve, pela acção. A União dos Operarios da Construcção Civil, do Rio, expressou-o bem claramente, quando affirmou, em manifesto, que «*houve por bem decretar o dia de 8 horas*». O mesmo hão feito as demais classes do Rio, ultimamente, como agora vão fazendo as de S. Paulo e hão de fazer todas as demais do Brasil. Ora, o methodo empregado e a empregar, para a obtenção das 8 horas ou para a expropriação geral, é um e o mesmo. Não ha outro. A papelada legislativa só poderá servir para alimentar a fogueira...

Astrojildo Pereira.

"A PLEBE"

Aos agentes, pacoteiros e amigos que têm em seu poder dinheiro de venda avulsa, assignaturas e subscripções voluntarias destinadas ao nosso orgão de batalha social, pedimos que nol-o remettam immediatamente, pois com a tiragem consideravel d'*A Plebe* (13 mil exemplares deste numero) temos de fazer de prompto pesados pagamentos.

Nenhum amigo do jornal póde deixar de attender com a maxima urgencia a este appello.

* * * Proclamem-no as trombas da Fama aos ventos da Terra de Vera Cruz: foram 25 os discursos bem contadinhos e pronunciados em 4 dias apenas pelo deputado Nicanor Nascimento!...

Hão de concordar que foi um *tour de force* merecedor de universal consagração. E nós não hesitamos em o fazer por estas columnas plebeas, embora o parlamentar illustre já o tenha proclamado fartamente em entrevistas e noticias.

E não se veja nisto nenhuma insinuação de cabotinismo, pouco em voga cá pelas baixas camadas do poviléo...

Os apuros do "leader"

O sr. Carlos de Campos, *leader* paulista na Camara Federal, viu-se abarbado para responder ao discurso ultra-insuspeito do sr. Nicanor Nascimento. As suas negativas sahiram frouxas e dubias —literalmente esmagadas ante a prova acachapante dos factos concretos, apurados por um proprio amigo do governo paulista.

No proximo numero veremos isso mais de vagar. A mina é abundante.

* * * Esta é mesmo de se lhe tirar o chapéu... A social-democracia o ramo mais avançado do socialismo!...

Essa asneira appareceu com as honras de artigo de fundo, na *Razão*, do Rio, neste trecho lapidar:

"Não sendo socialista nem maximalista, o sr. Mauricio de Lacerda descobriu, porém, o "problema da social-democracia entre nós". Ora, a social-democracia é o ramo mais avançado do socialismo allemão, que o deputado fluminense fulminou, por ter votado os creditos de guerra. Compõem-n'o os "spartacistas" que como se sabe, são irmãos dos maximalistas".

O' manes de Liebknecht! Como suprema affronta, ainda te collocam ao lado dos *socios* avacalhados a Ebert e Scheidemann!

E o mais interessante é que tal asnice foi publicada pelo jornal que pretende ser o orgão maximo do proletariado!

Jamais, jamais no mundo se encontrou o trabalhador como actualmente. O trabalhador de hoje está em peores condições que toda a sua genealogia; peor que o servo, que o barbaro, que o selvagem...; peor que o peor de todos, que o escravo, pois que ao menos este era mantido pelo amo, mesmo que faltasse trabalho. — *Felipe Trigo.*

Moção pela defesa dos direitos de associações

A commissão executiva da Federação Operaria de S. Paulo, considerando que todas as tentativas feitas, em S. Paulo, para os operarios possuirem uma organização de classe—com manifesta violação do direito de reunião—foram baldadas, porque logo o governo do Estado, systematicamente, fechava os locaes depois de ter carregado com os moveis—que nunca foram restituidos—e perseguia os companheiros mais activos; propõe que

no caso se repita identica violencia, seja logo declarada a gréve geral, por todos os elementos associados da capital e do interior, e que se fôr preciso se appelle para a solidariedade de todo o proletariado nacional;

propõe mais que para ser neste caso declarada a gréve geral se dispense qualquer reunião de assembléas ou commissões, abandonando immediatamente o trabalho os operarios associados e aquelles que, não o sendo, reconheçam a legitimidade de um tal protesto.

Esta deliberação — approvada pela assembléa de hoje—deverá ser publicada, por tempo indeterminado, em todos os jornaes operarios, distribuida em avulsos e impressos em todas as fabricas e officinas, e os membros da commissão e os delegados das Ligas, em qualquer reunião de propaganda, deverão tratar della e demonstrar sua importancia aos trabalhadores.

A GRÉVE E A IMPRENSA

A imprensa cá da terra mimoseou-nos com as gentilezas costumeiras: agitadores profissionaes, elementos perigosos, anarchistas turbulentos, doutrinas absurdas e criminosas, amigos da subversão e da desordem, injustos, sediciosos visionarios, architectos de utopias e de bemaventuranças incompativeis com as leis biologicas que regem os aggregados humanos e uma infinidade de palavrões similhantes.

Para o «Correio Paulistano» o «digno operariado nacional» não dispensou o seu apoio nem a sua solidariedade aos grevistas. E para desmentil-o ahi está a grande quantidade de operarios nacionaes cumprindo estrictamente os deveres de solidariedade para com os demais camaradas —e isso tanto em S. Paulo, como no Rio, tanto em Pernambuco, como em Porto Alegre e em todos os logares onde se manifestaram greves. Tratou o orgam governista de assim inutilizar o movimento—dando-o como «campo de experiencias libertarias do proletariado estrangeiro que penetra no paiz devido á tendencia abertamente liberal dos nossos governos». Os membros do poder publico reconhecem as pretensões dos operarios e tudo farão por elles; tenham paciencia, esperem, não se alterem... As suas aspirações hão de ser satisfeitas algum dia, não se sabe quando, mas hão de ser satisfeitas... Si gritarem apanharão como boi ladrão!

Para a «Gazeta» os operarios são orientados por «homens intelligentes e iniciados nos estudos da sociologia e a par das theorias sociaes que trabalham o pensamento dos sociologos» (!) e devido a isso devem comprehender o alcance do gesto altiloquente do sr. Altino telegraphando, ainda uma vez, aos seus submissos lacaios no Congresso Federal para que estes «quanto antes transformem em legislação nacional as conclusões do decreto social votadas na Conferencia da Paz».

Mas póde o operariado confiar na palavra do sr. Altino? Pódem os «homens intelligentes e iniciados nos estudos da sociologia» aguardar as providencias do governo, elles que soffreram depois da gréve de julho de 1917 a affronta de ser presos, uns expulsos do territorio nacional e outros processados como havendo incitado as massas á sedição e ao saque?... Que conceito pódem merecer, portanto, as promessas dos governantes que cynicamente, deslealmente, tartufanescamente faltaram á sua palavra, tão solennemente compromettida perante toda essa asquerosa caterva de jornalistas que na sua maioria tratam agora de nos achincalhar e inquietar com o seu palavrório futil e ôco?...

O sr. Altino Arantes póde passar quantos telegrammas e despachos bem entenda, mas nenhum homem de senso commum acreditará na sua sinceridade e, pelo contrario, por-se-á em guarda contra a sua sordida duplicidade, delle só esperando prepotencias e iniquidades.

E quanto á imprensa que nos detracta e diffama, procurando empanar nossa illibada honradez —a unica herança que deixamos aos nossos filhos—não nos impressiona nem abate o animo. Damos-lhe o devido desconto.

Essa imprensa venal que hoje se bate pelo capitalismo contra o operario é a mesma imprensa que hontem se batia pelo fazendeiro contra o escravo. Os homens que hoje ella chama de «agitadores profissionaes» são os mesmos homens que ella hontem ignobilmente denominava de «roubadores deescravos» e para os quaes tinhaas expressões mais terriveis ecandentes de sua colera.

Amanhã, quando o operariado vencer e impuzer a sua vontade omnipotente e sem contraste esses mesmos jornalistas serão os primeiros a dedicar-lhe as mais abjectas lôas, os mais servis elogios.

Não deve, pois, impressionar-nos a sua attitude de agora.

Devemos apenas tomar nota e não esquecer as expressões delicadas com que nos mimosearam nestes momentos de angustiada perseguição e de caça cruel e infamissima.

Everardo Dias.

Agradecimento inconcebivel

O *Fanfulla* de 21 do corrente inseriu a seguinte noticia, que não pode passar sem a nossa repulsa indignada e energica, que tornamos publica, certos de reflectir a vontade do operariado todo:

"A commissão dos tecelões cariocas que se encontra ha alguns dias em S. Paulo, em virtude da greve, veiu hontem á noite á nossa redacção pedir-nos para fazermos chegar as expressão dos seus agradecimentos á direcção das I. R. Matarazzo".

Mentira! Os representantes da União dos Operarios em Fabricas de Tecidos, do Rio, não fizeram tal agradecimento, injustificavel e inconcebivel.

Não o fizeram porque, em hypothese alguma o poderiam fazer.

Agradecer ao explorador Matarazzo ter elle cedido, pela coacção da greve, á força, umas pequeninas migalhas das reclamações dos operarios?!

Não, mil vezes não! Nem mesmo quando aos obreiros forem confiadas as industrias agora sujeitas á exploração desse condecorado parasita, tal agradecimento será admissivel.

Os delegados dos tecelões do Rio não tardarão, por certo, em desmentir publicamente essa calumnia.

Um successor de Bastone?

Entre os presos do periodo mais agudo da greve figura Floreal Dourado. Depois de uns dias de detenção no posto da rua 7 de Abril, o maneiroso Virgilio do Nascimento destacou-o dos presos em consequencia do movimento e mandou-o para o Paraná como agitador perigoso.

Quando, porém, o dr. Nicanor Nascimento, em companhia de uma commissão de operarios, foi áquella delegacia tratar da libertação de varios presos, o dr. Virgilio mostrou-lhe uma carta cuja autoria attribuiu a Floreal Dourado, na qual este, dizendo-se desilludido da luta e duvidando da honestidade dos libertarios, se offerece para "secreta".

Será authentica a carta exhibida pelo delegado Virgilio do Nascimento? Não acreditamos, nem tão pouco negamos.

Sabemos ser veso antigo da policia procurar por todos os meios desacreditar os militantes obreiros.

Entretanto, não nos abalançamos a defender Floreal Dourado, pela razão muito simples de não o conhecermos. Appareceu nos elle algumas vezes na redacção dizendo-se anarchista. Como em nossa tenda de trabalho vivemos ás claras, não o repellimos desde logo como costumamos fazer com os individuos de situações duvidosas e suspeitas, antes de nos certificarmos com quem estavamos tratando.

Se a accusação gravissima contra elle levantada constituir uma calumnia, que elle se defenda com a urgencia e energia que o caso reclama.

Enquanto não o fizer, temos o direito irrecusavel de o afastar de nosso meio, o que fazemos, prevenindo os camaradas do Rio, para onde elle seguiu do Paraná.

A ORDEM BURGUEZA

Para os operarios explorados a prisão, para os capitalistas ladrões todas as homenagens.

A NOSSA EXPULSÃO

Apontamentos para a historia das infamias burguezas

I

A's 9 horas da noite de 14 de Setembro de 1917, desciamos pela ladeira do Carmo, eu e o companheiro Evaristo Ferreira de Souza, quando, de improviso, fomos assaltados por um grupo de «secretas», que se lançou sobre nós em attitude ameaçadora, á voz de *Estejem presos!* Sem mais delongas, os esbirros conduziram-nos á Central de Policia. Durante o trajecto, eu, que vinha de ha muito tempo padecendo duma grave enfermidade, adquirida nas prisões da Argentina e de S. Paulo, por luctar pelos ideaes de emancipação humana, disse com os meus botões: «Desta vez vou visitar o *Padre Eterno*»...

Chegados aos calabouços da Bastilha da *capital artistica*, fomos despojados de todos os nossos haveres: dinheiro, joias, documentos, etc... como na Calabria, em tempos que todo o mundo sabe. Até a gravata me foi arrancada... para testemunho da honestidade dos encarregados da defesa da vida e da propriedade dos cidadãos.

Não tendo outro conforto senão o frio chão e o tecto humido da *solitaria* em que nos puzeram incommunicaveis, passamos a noite tiritando... batendo os dentes...

Alli foi-nos applicada uma *dieta*... rigorosa, porquanto só no dia seguinte, cerca das 14 horas, é que nos trouxeram uma marmita com um pouco de feijão mal cosido, umas colheres de arroz e um bocadito de carne que nem os cães a poderiam tragar.

A' noite, a ambulancia transportou-nos ao posto policial de Villa Marianna, onde encontramos os camaradas José Fernandes, José Lopes, Candeias, Antonio Nalepinski e um operario allemão, cujo nome não me occorre agora.

Como não tivessemos recursos para pagar a identificação, fizeram-nos isso gratuitamente, sendo as nossas impressões digitaes e photographias tiradas como se fossemos criminosos vulgares.

Os calabouços do posto de Villa Marianna, em que nos internaram, eram verdadeiras enxovias, sem janella alguma, e de tal modo glaciaes e tetricas que, para evitar um pouco a humidade, collocavamos os pés sobre os pratos e marmitas que haviamos utilisado na refeição.

A' porta do meu cubiculo, um esbirro e espião dizia: — «Vocês vão ver agora quanto é bom ser anarchista!»

Quando o relogio bateu meia noite, foram-nos ali buscar ambulancias fechadas, que nos conduziram pela estrada do Vergueiro, escoltados por uma turma de policiaes.

Assim, sem saber para onde iamos, atravessamos a serra de Santos, chegando á visinha cidade ás 6 horas, onde as autoridades locaes nos receberam com muita «cortezia» e «delicadeza», atirando-nos ás prisões de Villa Mathias, que são tambem pouco recommendaveis: As portas, de grades de ferro, permittem que penetre a intemperie; o pavimento é de mosaico, e a humidade abrange todas as paredes.

Dentro dos proprios calabouços estão as privadas que exhalam um fétido insupportavel.

Durante os oito dias em que eu e Nalepinski ali estivemos juntos, dormimos de pé, encostadas as espaduas um ao outro para podermos transmittir mutuamente um pouco de calor e supportar o frio e a humidade que pareciam dilacerar-nos as carnes.

Quanto á alimentação, aquella semana foi uma verdadeira quaresma. Ao meio dia traziam-nos os soldados uma marmita de arroz e feijão e algumas batatas; e, ás 17 horas, davam-nos uma caneca com um chilro de agua suja, á qual, por ironia, cognominavam de café. Distribuiam tambem a cada preso um pão do tamanho de uma castanha e, com toda aquella miseria, passava-se até o dia seguinte.

A incommunicabilidade continuava rigorosa; não se podia fallar, nem sequer com os guardas. Apenas duas vezes tive occasião de falar com o dr. Bias Bueno, que se dignou fazer-nos uma visita. Deante do meu aspecto de enfermo, o delegado perguntou-me: — «O sr. está doente, não é verdade?...» Mas nem porisso modificou para melhor o mau tratamento de que fui victima.

Na noite do quinto dia fui conduzido á presença do mesmo carrasco policial, que nesse momento procurou dissuadir-me, com patheticos conselhos, inspirados no mais profundo cretinismo, de continuar a luctar pelo Ideal Libertario, dizendo-me, ao mesmo tempo, que se tinha alguma cousa a declarar e se queria escrever ao secretario da Justiça ou ao presidente do Estado, podia fazel-o porque... ainda era tempo.

Comprehendi logo que as autoridades paulistas ter-se-iam conformado com um documento, no qual eu manifestasse um pouco de humilhação ou, ao menos, uma vaga promessa de não mais commetter o peccado de propagar as reivindicações dos escravos modernos, os principios basilares do anarchismo. Com esta concessão, eu seria restituido á liberdade.

Não o quiz, porém. Respondi negativamente, frisando que nada tinha a declarar...

— Veja, sr. Primitivo, — insiste o esbirro — cada qual deve tratar de si. Eu tambem sou libertario; mas já vê (e bate com as mãos no abdomem) já vê que é preciso tratar da vida...

— O dr. deve comprehender — retorqui — que o homem não tem somente estomago, tem tamdem faculdades moraes, idealismos, e em primeiro logar, deve manter sem macula a sua dignidade...

Tres dias depois, eu e os companheiros José Fernandes, José Lopes e Zeferino Oliva eramos transportados em automoveis para o cáes, onde nos encontramos com Virgilio Fidalgo, José Sarmiento e Francisco Ghicco, que haviam sido presos, mais tarde, ao tratarem de impetrar um «habeas corpus» em prol da nossa libertação.

Sem mais delongas, uma lancha conduziu-nos a bordo do navio-phantasma — o «Curvello», sendo depois encerrados num camaróte de 3.a classe.

Finalmente, a nave zarpou, levando um destino para nós ignorado e sem que pudessemos enviar ao menos ás nossas familias, que ficavam no abandono e na penuria, um saudoso adeus de despedida...

Florentino de Carvalho.

Justo protesto contra a burguezia criminosa

A noticia da brutalissima e incoherente prisão do pequeno enteado do nosso confrade da "Plebe" encheu-me de verdadeira indignação!

Que mal fez aquella creança ás autoridades para ser tão violentamente punida, ficando incommunicavel?

Será por elle ser enteado de um homem moderno, dum ser digno de destaque social? Estou certa, si elle fosse um *dandy* repellente, um desses burguezinhos que vivem de gazúa em punho para assaltar os trabalhadores honestos, seria respeitado, e quem sabe si não chegaria á alta posição de secretario do presidente do Estado?!

Repugna pensar na acção selvagem dos bandoleiros que miseravelmente assassinaram o joven Constante Castellani, pelo simples facto da pobre victima procurar defender a sua collega de lucta que, impunemente, ia sendo morta pelos vis bandidos representantes das leis criminosas. Para esses assassinos, talvez não exista pena, pois, naturalmente surgirá nova lei refutando que o sargento Pedro de Albuquerque e o soldado Bernardino de Oliveira agiram em legitima defesa da mesma lei. Sim, porque o soldado, sendo um responsavel, maneja de accôrdo com a lei e como ella é criminosa, elle tambem o deverá ser!

A burguezia quer que a classe trabalhadora, de chapéu na mão, finja satisfação com a politicagem infame.

Mas, como isso é absurdo e o fingimento repugna ao ser consciente, eis porque nós não podemos tolerar por mais tempo essa politicagem carnavalesca, de figurões ridiculos *vira-casacas* sem ideaes.

Para que tanta campanha eleitoral, quando o fim primordial que faz mover o povo burguez, são os interesses mesquinhos do desejo pueril da bôa collocação publica?!...

O operariado não se revoluciona por causa de constituição ainda que elle para isso tenha poder apenas elle exige o direito adquirido de maior salario e menor trabalho.

Si o burguez que nada faz senão furtar o suor da classe calosa, tem direito a dormir em acolchoados até além do sol alto, porque razão o operario, sendo seu sustentaculo, não terá o justo direito de descançar mais alguns minutos e comer melhor pão?

A classe trabalhadora, aquella que é o sustentaculo da burguezia, têm-se mostrado ordeira a toda prova; haja vista o dia 1.o de Maio e as manifestações pacificas que intelligentemente souberam exhibir.

Si o operariado é a força e sem ella não existe movimento social, porque a burguezia o amesquinha?

Para que servirá o parlamento, para que nos servirão as leis fatuas, si no momento preciso ficamos expostos ás arbitrariedades de calagestes intitulados autoridades, com direito a espadeirar aquelles que honradamente sempre souberam luctar em pról da conquista do pão de cada dia?

O ideal na opinião da burguezia nefasta é privilegio do rufião, daquelle que impunemente vem vivendo das fadigas, dos esforços sobrehumanos, do operario cordeiro!

Mas, camaradas, chegou o momento de exigirmos que a lei sociocrata seja um facto.

Lembremos, amigos, jamais necessitámos dos favores da classe burgueza, ella é que necessita de nós.

Sejamos fortes e audazes, não temamos as injustiças dos salteadores privilegiados, o direito é nosso e portanto nada temos a temer.

Calma, patricios e irmãos de ideaes, nada de precipitações; o nosso dia já vem raiando e o manto da negra noite virá envolver a burguezia covarde completamente banida de seus privilegios seculares e criminosos da exploração do homem.

Viva a liberdade e abaixo os convencionalismos balofos!

Rio — *Thereza Escobar.*

* * * Magriço?... Não é nome de cachorro, é nome de gente, ou pelo menos de um dos redactores da "Platéa", o qual, de tanto em tanto, sente a necessidade de vomitar sandices e calumnias contra os anarchistas.

E nisso não ha nada de extranhar: Magriço é pago para servir a seus donos e os serve como pode e como sabe.

De estranhar, porém, é ver operarios, ás vezes, com a "Platéa" na mão.

Libertadores? Não, liberticidas...

E' do conhecimento de todos o colossal movimento grévista que, no dia 5 deste mez, irrompeu em Santos.

O de maior monta, o principal, é o dos operarios da Companhia Docas de Santos. Estes operarios pedem o dia de 8 horas e 1$000 por hora. Querem, tambem, que as horas de extraordinario sejam pagas como se fossem duas, a contar das 18 horas em deante. Elles querem isso e, até agora, têm sustentado as suas exigencias a pé firme; mas... o commandante do paquete francez «Samara», julgou que devia zarpar deste porto no dia 11, e como não havia trabalhadores para fazer a descarga, mandou os soldados francezes, que de volta do «front», viajavam no dito navio, fazer o serviço. Estes, que para a frente franceza foram-se bater pela liberdade e pela justiça (no dizer delles) curvaram-se perante as ordens do commandante e fizeram a descarga!

Bravos, senhores soldados! cumpristes com o vosso dever! A patria, mais uma vez, foi salva pelos seus filhos!...

O povo trabalhador deve registrar o acto destes libertadores... Libertadores?! Não, liberticidas...

J. P. Gutierrez.

Santos, 13—5—919.

Prussianos de aqui e prussianos de lá

A «Humanité» de Paris, cousa de dois mezes, publicou umas correspondencias de Bruxellas, enviadas depois do armisticio, nas quaes dava-se relação do desenvolvimento da acção e da propaganda socialista, naquella cidade, durante o tempo da dominação prussiana.

Lendo aquellas correspondencias ficamos pasmados. Como, os prussianos hediondos deixaram os operarios belgas se reunir, discutir e dar um desenvolvimento maior ás suas organizações?...

Evidentemente o governador militar era um idiota ou tinha respirado, ingerido algum bacillo bolchevista.

Um homem como o sr. Altino Arantes precisava estar lá...

Mas elle ficou aqui...

E aqui, mandou invadir as associações operarias, saqueal-as e, depois, fechal-as com guarda á porta...

Ficou aqui, a impedir aos operarios qualquer desabafo; reprimiu com a violencia qualquer queixume e obteve do governo federal um estado de sitio applicavel só aos trabalhadores e fez exercitar, por empregados de policia, uma censura que chegou a censurar até a palavra operario!

E sabeis porque o snr. Altino foi tão prussiano, mais prussiano que os prussianos legitimos?

Porque, — um tento a quem advinhar!, — porque... estava com medo de agitações germanophilas!

Ah! Santo Ignacio de Loyola, que homens sahem das tuas escolas...

Euphrasio Laranjeira.

Noticias de França

Um novo livro de Barbusse

O companheiro H. Barbusse, official do exercito francez, voltando ferido da frente de batalha, escreveu um livro cujas edições não se contam mais «Le Feu» requisitorio terrivel contra a guerra, na sua simplicidade descriptiva. Agora elle vae publicar outro volume, intitulado «Clarté». Um redactor da «Ecole de la Federation» que poude correr as vistas nas provas tipographicas do mesmo, extrahiu dellas a seguinte maxima:

... Não deixae a iniciativa das reformas ás classes dirigentes. As iniciativas liberaes dos governos que fizeram do mundo o que elle hoje é, não passam de farças.

São meios para acalmar e poder esperar, com o fim de fechar o caminho a um progresso em marcha; para retomar de uma parte o que tiverem de conceder; para reconstruir o passado atraz de uma mão de rêboque... Os dirigentes têm sempre a tendencia para agir no sentido da reacção...»

Os mutilados de Paris

Uma demonstração popular para festejar a chegada de Wilson em Paris, a qual as agencias telegraphicas silenciaram, foi aquella organizada pela *Federação Operaria dos mutilados na guerra.*

Assim nol-a descreve «Le Populaire» de Paris:

«A's duas horas um cortejo de milhares de pessoas sahiu do lugar combinado e com a bandeira vermelha da Federação á frente, cantando a «Internacional», se poz em marcha.

O cortejo dos mutilados é accolhido com manifestações de sympathia: applausos, flores, gritos de: viva a paz! abaixo a guerra!... A' altura da «Opera» a policia apeada e a cavallo tenta barrar o caminho. Breve e violento conflicto: a barreira é rompida. Mais alto recomeça o canto da «Internacional». Uma vez nos grandes «boulevards», segundo conflicto. O cortejo, porém, abre caminho até chegar á praça da Republica, onde, enfim, se dissolve, tendo alcançado o fim que se propunha. Na praça da Republica aguardavam o cortejo consideraveis forças de policia...»

Como se fabrica a opinião publica

O «Journal du Peuple» de Paris contou o caso de um sujeito que no mez de novembro havia proposto a um periodico illustrado cobrir-lhe as despezas de um numero especial *contra a paz*, com uma forte quantia... Aquelle periodico não acceitou o negocio.

Tempos depois o jornal «Le Rire», periodico pornografico e patriotico, que se vende tambem em S. Paulo, publicou um numero especial intitulado a *paz allemã* e que foi enviado a uma infinidade de pessoas que não o tinham pedido e que o receberam gra[tis].

O numero era recheiado de calumnias ignobeis e o «Jornal de Peuple» pergunta: De onde lhe veiu o dinheiro?

A questão social

A questão social está perturbando os detentores do poder, em todas as noções, obrigando-os a pensar na defesa contra esse elemento novo, com que não contavam no seu jogo — o povo, — o proletariado — o operario — o soldado. A alliança do operario com o soldado, que a elles parece um absurdo, é logica. O soldado é povo que enverga constrangido uma farda ou libré, para defender quem o explora, o maltrata, o inutiliza para a vida physica e para a intellectual e moral, corrompendo-o, propinando-lhe venenos moraes, matando-lhe todos os bons sentimentos, educando-o na caserna, para a carnificina e a guerra. E o melhor soldado é sempre o mais ignorante, o menos conhecedor de seus direitos á vida, pois que o melhor é o mais submisso, mais disciplinado, menos capaz de revoltar-se contra a prepotencia de seus *superiores* (?).

O soldado, desde que reconhece a miseria moral em que vive, a exploração de que é victima, transformado em cão de guarda dos capitaes alheios — como policial —, animal feroz cujos instinctos sanguinarios são cultivados e exaltados para a luta contra seus semelhantes, o soldado volta a ser povo, confraterniza com o proletariado, de que é um dos mais lastimaveis representantes, torna a ser homem e se dedica a combater as féras que o alimentaram com sangue nos espectaculos barbaros de carnificinas, dando-lhe alcool para fazel-o amar a patria, dando-lhe a caserna para degradal-o, e odiar o resto da humanidade.

Com o reconhecimento do caminho errado pelo qual o conduziam, busca seu natural alliado — o povo, de onde sahiu e de que é parte. São duas forças que se completam e que revolucionarão o mundo.

Os mandões do momento, assustados com a direcção que tomam os negocios mundiaes, tendendo a uma nova phase, encaminhando-se para a solução da questão social, fazem-se todos interessados em solucionar o problema por falsa posição, trocando-lhe os dados. E os reformadores de ultima hora, candidatos aos altos cargos — guias de povos, já descem dos seus altares de semi-deuses e vêm á arena discutir a questão social, encarando-a sob o ponto de vista operario, das horas de trabalho, dos seguros contra accidentes, das relações entre o capitalismo e o laborismo.

Assim restringindo o ponto de vista da questão social, vista por elles sómente no referente á questão eleitoral, facil é encontrar o remedio para tudo, a panacéa genial, o grande cataplasma emoliente — a reforma da Constituição, a promulgação de maior numero de leis.

Esses arautos da civilização, puramente juristas e linguareiros, para tudo acham remedio nas leis, que depois de promulgadas não são cumpridas, como diariamente confessam orgãos partidarios, quando em opposição. Para desmoralizarem as tendencias humanitarias, para fazerem odiadas as theorias anarchistas, para assustarem a população ignara e sentimental, forjam decretos e leis, arranjam telegrammas e se fingem ignorantes do que prégam e do que pretendem os libertarios.

Elles, que tomam a si a educação e a formação de soldados e patriotas, torcendo-lhes as almas nas escolas municipaes com o escotismo, e nas escolas militares, dão como um malefício as suppostas leis encarregando a communa da criação e educação dos seus filhos, dizendo que voltamos ao tempo de Lycurgo.

De certo que desta sociedade do Decameron é preciso arrancar a mocidade, ainda que seja para leval-a ao excesso opposto das leis de Sparta.

Fabio Luz.

* * * Uns socialistoides clandestinos, que ha no Rio, entenderam agora de se fazerem réclame á custa dos anarchistas. Desperecebidos inteiramente nos meios operarios cariocas, os pobres rapazes decidiram atirar-se contra nós, vomitando insidias e perfidias, na supposição de que vamos parar e responder-lhes. Enganam-se. Temos mais o que fazer... Aos socialistas sinceros é decentes nós estendemos a mão cordial, neste instante, porque entendemos que, conservados intactos os methodos e modos de ver proprios de cada qual, poderemos perfeitamente caminhar ao lado, animados dum mesmo espirito de reciproca harmonia, e não como inimigos. Inimigos bastam-nos aquelles que nos são communs. Quanto aos paspalhões pretenciosos e estereis, com o seu scientificismo onanistico... salut!

Como se escreve a historia...

Um correspondente do periodico *A Situação*, de Juiz de Fóra, mandou para o seu jornal, do Rio, uma curiosa e estupenda noticia do que foi a grande demonstração do proletariado carioca no dia 1.o de Maio. O birônho jornalista constata como enorme a massa de gente que desfilou pela Avenida, e diz, em meio de uma dezena de tolices varias, esta coisa:

«Operarios e operarias, moços e velhos, creanças e raparigas, toda a classe de trabalhadores indistinctamente unida e irmanada pelo mesmo ideal — a Liberdade — acclamava unanimemente os nomes (aqui é que está a belleza!) do Egregio Conselheiro Ruy Barbosa e do Prefeito Paulo de Frontin e vivava a Republica e a Democracia».

Isso lá está na primeira columna do citado periodico, em corpo doze, deste tamanho...

Será possivel que o tal correspondente das duzias seja integralmente cégo e surdo? Só assim se comprehende semelhante serie de dislates...

A demonstração operaria de 1.o de Maio, no Rio, de certo a maior que já se fez no Brasil, foi uma demonstração essencialmente e caracteristicamente anarchista, organisada só por anarchistas, por anarchistas realizada e conduzida. Dos seus oradores, todos operarios, os dois ou tres, que não eram anarchistas, a pouca distancia ideologica destes se acham. As suas bandeiras e flammulas rubras desfraldaram disticos revolucionarios, anarchicos na fórma e no fundo. Os gritos e clamores da multidão eram clamores e gritos conscientemente e potentemente subversivos.

Como diabo encontrar nisso tudo vivorios a Ruy, a Frontin, e a esta Republica de piratas? Esse rabiscador das tretas mentiu e rementiu pelos cotovelos. Raios o partam!

... Mas é assim mesmo que a Historia se escreve, graças á imprensa, essa alavanca do progresso... para proveito burguez.

Ora, sendo a lei suprema o bem estar individual, que cada homem deve procurar na medida das suas forças e admittindo-se que a sociedade actual com os seus preceitos de garantia mutua só aproveita a quem haja o que garantir, traindo desta sorte a não aquiescencia dos proletarios e dos famintos a semelhantes principios, é humanamente logico que os explorados se insurjam contra esse estado de coisas, empregando a violencia para vencer, porque não é com palavras que se destruem os factos. — *Carlos D. Fernandes.*

Farpeando

O sr. Alvaro de Carvalho decisivamente é um amigo dos sete costados: isto é, amigo sincero dos amigos delle.

Até parece um complice que defende complices, imputados do mesmo crime, tal o enthusiasmo, a energia e a cara de bronze que elle despende em reunir affirmações que querem ser attestados de boa conducta e no juntar os cacos da "louça" quebrada pelo sr. Ellis, o qual evidentemente ha de estar subornado pelos bolchevistas.

O sr. Alvaro de Carvalho, que em assumptos de negociatas e combinações industriaes e commerciaes é pessoa superlativamente insuspeita, sentiu a necessidade corporal, urgente, de, em pleno Congresso Federal, destruir logo uma affirmação maliciosa do Conselho Geral dos Operarios de S. Paulo, a qual, malcriada, insinuava o caracter eminentemente industrial do syndicato que governa este Estado. E distruiu-a logo com quatro palavras dictadas pela mais vehemente indignação.

Palavras — diria Hamleto, o louco principe da pôdre Dinamarca, — palavras... palavras...

Mas a palavra de honra de um deputado federal, em certos casos, vale por cem documentos passados e registados pelos tabelliães; vale quanto os... compromissos de honra de certa imprensa e de certos presidentes de Estado.

Deve-se, portanto, considerar como amplamente confutada a maliciosa e malvada insinuação do Conselho Geral dos Operarios...

Mas o sr. Alvaro não se limitou a purificar seus amigos de tão torpe accusação.

Estava em jogo a honorabilidade do maior accionista, quero dizer, do maior e melhor amigo delle, e o sr. Alvaro achou que a sua defesa devia assomar aos cumes paripateticos da bajulação amistosa e desinteressada.

E vai dahi, o sr. Alvaro põe-se a apregoar a miseria, não moral, porém, material do nosso sr. presidente, que pobre subiu ao poder e pobre, arruinado talvez, do poder sahirá amanhã.

Dizem que os nobres representantes do paiz ao ouvirem este attestado de pobreza, pelo sr. Alvaro passado ao sr. Altino, depois da natural estupefação, destemperaram-se em lagrimas como tantos bezerros desmamados.

E de facto, o caso é para chorar.

Chorar mesmo de vergonha. Como, o Brasil, o paiz mais rico do mundo, tem, num dos seus Estados, um presidente pobre, que no poder continuou pobre, e que amanhã, perdido o emprego, será constrangido talvez a pegar num realejo e a percorrer as «casas de pensão» tocando o «vem cá mulata!» para ganhar alguns tostões!

Não, isso não póde ser... A dignidade nacional antes de tudo!... Eu colloco, portanto, o meu maximalismo de banda e vou abrir uma subscripção civica para garantir o futuro do sr. Altino, para lhe garantir, na honrada velhice, a herança do Jeca Tatú, uma tapeira e quatro palmos de roça...

E abro a subscripção com duzentos réis...

Para mim o queixo do homem não vale mais.

SIMPLICIO.

* * * Certo periodiquelho de Cachoeira, Bahia, deu o solenne desespero á vista do exemplar d'*A Plebe*, que lhe enviamos. E, em consequencia, alinhavou uma serie de asnidades sobre o anarchismo e o socialismo, pragas daninhas nascidas da... maçonaria. Misericordia! Chama-nos ainda, o catolico papelucho cachoeirano, de «inimigos da Igreja» e das «autoridades constituidas por direito divino entre todos os povos da terra». Lá isso é verdade... mas onde diabo andam os famosos escribas de Cachoeira, Bahia, com os seus sagrados miolos, para vir falar-nos, neste minuto grave, em *direito divino?* Palavra que é desanimador...

DO PARANA'

TRES BARRAS

Tres Barras é um posto ferroviario, uma villa, logar onde a celebre Companhia Lumber desenvolve e estende os seus tentaculos, a sugar o nosso sangue, isto é, daquelles que aqui laboram.

Tivemos aqui, em tempos, uma Liga Operaria, para defesa dos nossos direitos, mas a furia dos patrões, secundada pela policia, a mesma policia forjadora de greves com o intuito de perseguir os membros da Liga e dissolvel-a, inventou incendios, espancamentos, abriu inquerito, amedrontou os operarios com ameaças de deportamento e processo, proclamou aos quatro ventos que a Liga jamais funccionaria sem o seu consentimento e que não respeitaria *habeas-corpus*, ainda que viessem aos mil.

Para encurtar a historia: Tres Barras, durante dois mezes, parecia uma praça de guerra. A policia rondava noitadas inteiras, e a estação ferroviaria, onde devia desembarcar o nosso presidente, então em Coritiba, foi esse tempo todo guardada pelos beleguins, de armas em promptidão.

E tudo se foi. A Liga, assim perseguida, foi definhando, e hoje della só restam o nome e o triste casebre onde funccionou, e uns poucos socios que, com esperanças do maximalismo libertador, prosseguem na sua propaganda.

Aleindo de Oliveira.

ECOS DO 1.º DE MAIO

Na França

O dia 1.o de maio deve ser um dia de luto para a França, que viu mais uma vez correr na praça publica o sangue generoso do povo trabalhador. O governo reaccionario de Clemenceau, numa insania que veiu encher de opprobrio toda a sua mocidade e parte da sua madureza, prohibiu as manifestações proletarias, dando ordem á soldadesca de não consentir nos comicios e passeatas. A propria natureza parecia estar de accordo com os designios do Tigre: choveu copiosamente durante todo o dia e o frio era intenso. Apesar disso tudo, porém, o operariado sahiu á rua, affluindo aos boulevards e á praça da Magdalena, com o fito de se reunir na praça da Concordia, que estava occupada e cercada por quatro grossos cordões de tropa. Mas, a multidão, ao som da Internacional e empunhando as bandeiras vermelhas, rompeu por entre os soldados que de baioneta calada queriam impedir a irrupção dos manifestantes. A má vontade da tropa era visivel e assim o operariado rompeu os tres cordões de soldados e dispunha-se a penetrar no reducto vedado quando os bombeiros com os gendarmes, uns com as bombas de agua e os outros com cacêtes obrigaram a multidão, após uma breve e improficua luta, a retirar-se.

Nesse tumulto ficaram feridos 428 policiaes, delles baixando aos hospitaes 12 e ficando muito espancados 75.

Ha muitos operarios feridos com pranchadas de sabre e coronhadas. Do numero de mortos não se sabe.

O orgam da Confederação Geral do Trabalho, "Voix du Peuple" teve apprehendida a edição que distribuiu aos manifestantes.

O secretario geral da Federação Trabalhista Franceza, Leon Juhaux, na declaração que fez sobre o 1.o de maio disse: — «A França está hoje inactiva, como um signal palpavel de que ella deseja que as suas classes operarias prestigiem a collaboração dos proletarios das nações alliadas, a liberdade dos povos, o livre arbitrio e termine com as intervenções, imperialismo e promova a transformação economica do mundo, segundo uma base proletaria.»

— Em Toulon effectuou-se uma passeata, em que tomaram parte 30.000 pessoas.

— Em Lyon, apesar de chover abundantemente, o comicio esteve concorrido, realizando-se um prestito em que tomaram parte 10.000 manifestantes.

— As noticias chegadas a Pariz de toda a França referem que as manifestações no interior correram animadissimas, tendo paralysado todo o trabalho.

Na Argentina

Tambem em Buenos Aires a commemoração do 1.o de maio perdeu a sua grandiosidade devido aos fortes aguaceiros que cahiram durante o dia todo. Mesmo assim o desfile com bandeiras vermelhas e cartazes allusivos á data esteve imponente.

Os janizaros do sr. Irigoyen acompanharam á distancia de cem metros a manifestação.

Houve alguns incidentes, mas nenhum de caracter grave.

A manifestação operaria ficou adiada para occasião opportuna.

FARPAS DE FOGO

Certo zebroide que no *Jornal do Commercio* costuma, pela secção *Registo*, dizer coisas bonitas ás melindrosas burguezas frequentadoras do «Trianon» e aos figurões encasacados *habitués* do «Municipal», sahiu-se um destes dias fóra do sério e, pondo as mãos no chão, desembestou aos coices contra os maximalistas russos porque estes tiveram a sinceridade de confessar que haviam ordenado o fuzilamento de uns tantos bandidos e assassinos da burguezia. E fingindo-se profundamente irritado, a bestiaga classifica de bandido "aquelle que governa dictatorialmente uma nação, apossa-se e desfructa as posições administrativas, engorda, quando os demais habitantes do seu paiz morrem á mingua, locupleta-se com o dinheiro extorquido aqui, ali, acolá, de diversas maneiras, todas injustificaveis, e enriquece, depositando os seus invejaveis haveres em bancos localisados em outros paizes»

Que mau humor!... Com certeza, o animalejo estava com a mangedoura vasia, devido ao alto custo da palha e da alfafa. Isso, porém, não o impediu de zurrar verdades incontroversas, invertidos, é claro, os papeis e postas as carapuças nos seus competentes logares.

De facto, quem faz toda a enorme série de crimes e monstruosidades acima enumeradas, se não os burguezes? Quem rouba, mata, saqueia, tyrannisa se não os capitalistas? Quem, finalmente, enriquece á custa alheia, se locupleta com o suor do povo e engorda á tripa fôrra, despreoccupadamente, se não os politicos?

Era isto que o burranca queria dizer, de certo. Mas, penalisado com a sorte que tiveram o «imperador de todas as Russias, as familias da sua côrte, os indomaveis almirantes e generaes», etc., etc., a lingua não lhe chegou para tanto. Assim mesmo, não deixa de ser curioso que uma alimaria desse jaez venha a publico ornear insultos sobre homens que só latam pelo bem estar collectivo das massas, quando na gréve de julho de 1917 approvou tacita ou ostensivamente as infames perseguições exercidas contra victimas imbelles, contra chefes de familia innocentes, pelo bandido-mór que é seu correligionario e, talvez, seja seu patrão, cujo nome não ha ninguem que desconheça!?

Bem se vê que o grande pulha da imprensa, alugado á olygarchia ou ao ouro dos potentados, tem o vicio dos que só vêem o argueiro no olho do visinho. Dahi o elle escoucinhar este, que é pobre e miseravel, pelas mesmas razões porque applaude aquelles que são ricos e poderosos.

O grande farçante! O que vale, porém, é que «vozes de burro não chegam ao céu»... E mesmo que chegassem, não era dessa maneira que o diabo se faria ermitão...

ANDRADE CADETE.

Entre os ruraes

Symptomas animadores da propaganda communista

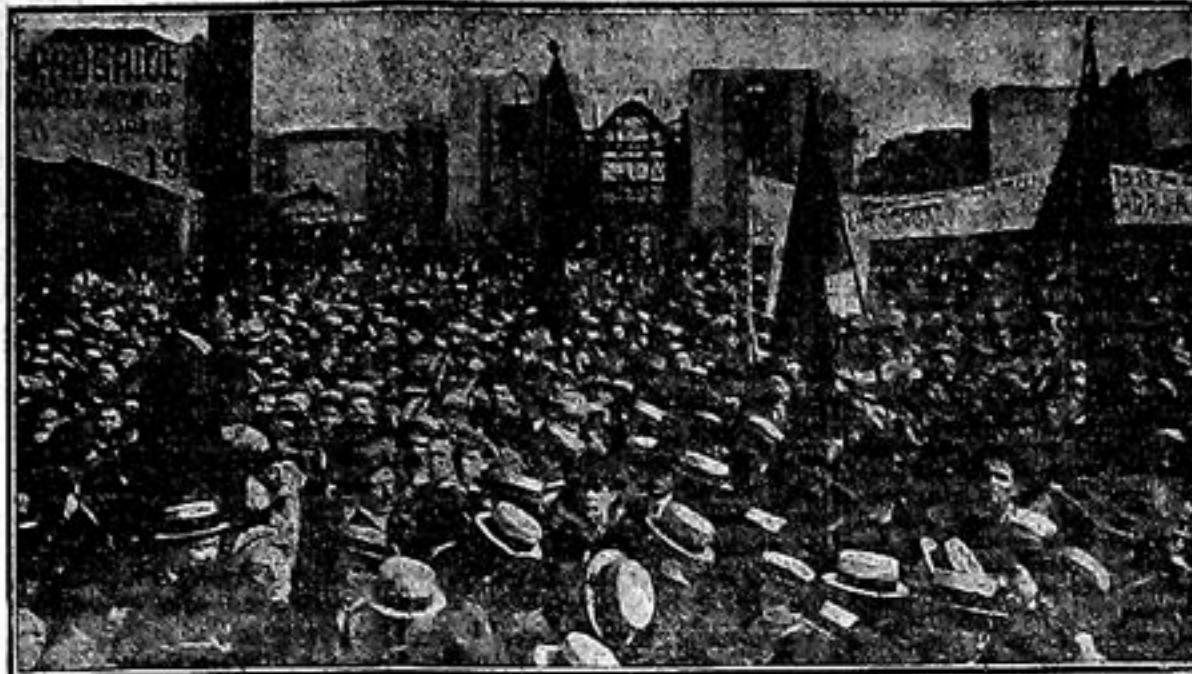
O grandioso movimento actual de emancipação não agita e commove sómente o proletariado das cidades. Tambem os trabalhadores do campo, os milhões de miseraveis escravos dos fazendeiros do Brazil, vão sentindo despertarem-se-lhes na consciencia as mesmas aspirações de liberdade e igualdade, que sacodem os seus irmãos da industria.

Um vespertino carioca registrou ha dias, nesse sentido, umas notas interessantissimas, mostrando como entre os trabalhadores da zona rural de Districto Federal se vai accentuando o desejo de secundar os operarios urbanos na lucta pela conquista das 8 horas, augmento de salarios, etc. Alguns desses trabalhadores, agindo individualmente, ou em grupos, suspendem o serviço ás 4 horas da tarde, tranquillamente, executando, assim, com firme decisão, uma das suas aspirações immediatas. E' symptomatico... Os fazendeiros, é claro, estão alarmados e já pensam em organizar a reacção. Melhor. Isso provocará, parallelamente, a systematização das forças obreiras e a lucta se travará frente a frente, definida e... definitiva.

Em Minas, igualmente, vão apparecendo aqui e ali, os signaes reveladores do movimento subterraneo, que lavra e se alastra. Em cartas publicadas na *Razão*, tem affirmado um camarada de João Ayres o grande interesse dos lavradores e caipiras mineiros pela propaganda do Partido Communista. Sabemos tambem que em Eloy Mendes, no sul do Estado, já se formou um pequeno nucleo de enthusiastas das novas idéas emancipadoras, os quaes não só as discutem e debatem entre si como vão levar a boa semente pelas terras mais proximas. De vez em quando um dos do referido nucleo monta num cavallo e vai parando pelas choupanas e roças, lendo *A Plebe* aos roceiros, explicando-lhes o que é o communismo e a necessidade da revolução social expropriadora.

São factos, estes, isolados, mas que valem por um indice. Como na Russia immensa, onde os mujics analphabetos e animalisados recebiam a propaganda libertaria com verdadeira paixão, tambem neste Brazil igualmente immenso os sertanejos e os caipiras hão de erguer-se, despertos pelo clamor partido das cidades, e com os companheiros escravos da industria hão de rebelar-se e conquistar pelo proprio esforço revolucionario a posse effectiva dos bens criados pelo seu trabalho.

A sêde do alcool não é causa, mas consequencia da miseria. — *Liebig.*

ECOS DO 1.º DE MAIO

Um aspecto do comicio do Largo da Sé

A proposito da tal bernarda

As bichas não pegaram

Circularam insistentemente por ahi boatos de que a *hydra* estava prestes a libertar-se da jaula em que se encontra e vir para a rua fazer das suas, isto é, reduzir a torresmos todos os olygarchas deste decantado «paraizo de ladrões».

— A quem obedeceria, afinal de contas, o temivel bicho de sete cabeças? — interroga toda a gente com curiosidade.

Nós não sabemos, apezar de se espalhar que somos nós, os anarchistas, que iriamos manejar o monstro. Em todo o caso, se affirmarmos que isso não passa de mais uma trama da situação que nos governa, não diremos nenhuma mentira. E' preciso arranjar um pretexto para perseguir os terriveis «inimigos da sociedade», logo, urde-se uma conspirata caserneira, uma mashorca militar e propalou se que tudo isso eram manejos nossos e... dos outros.

A coisa não está, realmente, mal apanhada. Mas o diabo é que ninguem se deixa ir no embrulho. Em que pése á illustre gentalha governamental, a mascara foi-lhe arrancada a tempo e hora. Agora, as bichas não pegam... Vão bater a outra porta, arranjar outra cilada, outra patifaria, porque a *hydra* continuará encurralada, para arrelia dos pulhas da situação.

E é assim que esses infames nos chamam de «elementos perigosos» e quejandas pejorações esterquilineas!...

ELMANO.

A NOSSA IMPRENSA

Ao operariado carioca

Está marcado para o proximo dia 15 de junho o grandioso festival na Quinta da Boa Vista, organizado por 28 associações operarias, e cujo producto reverterá em beneficio do grande diario dos trabalhadores, a sahir brevemente no Rio.

Nenhum operario carioca, consciente dos seus deveres, recusará o seu concurso a esse emprehendimento.

A sahida

O sr. Ruy está pessimista, desanimado da vida. Mais uma vez o Cattete lhe foge das unhas, e o aquilino tribuno, desilludido do Cattete, generaliza a desillusão amarissima, medindo tudo e todos pela bitola do seu jupiteriano despeito... Ainda agora, a proposito do negocio que os banqueiros francezes e inglezes estão tramando com os banqueiros norte-americanos, para vender o Brazil aos Estados Unidos, elle disse a um jornalista dolorosas palavras de desespero e angustia. Segundo o seu infallivel parecer, o Brazil já rolou definitivamente para aquelle tremendo e classico abysmo a cuja beira se achava dependurado ha tanto tempo. O presagio fatal de tantos patriotas illustres se cumpriu, finalmente... e irremediavelmente, para desgraça nossa. São palavras suas textuaes: «A situação do nosso paiz está inteiramente perdida: não vejo uma sahida». Pobres de nós, miseraveis jecas-tatús sem fibra e sem vergonha! Ahi nos vamos entregar de pés e mãos atados aos srs. norte americanos, transferidos como cabeças de gado, sem o menor balido de revolta... Mas isso é o que pensa o super-parlapatão da politicalha nacional, confundindo governantes e governados. E' certo que os governantes, sem vergonha e sem fibra, deixar-se-ão cobardemente vender e revender; mas com o povo esse negocio ha de fiar mais fino. Para começar, o povo não reconhece as dividas contrahidas pelos ladrões da governança nos bancos europeus. E, assim, pouco lhe importa que ellas se transfiram das garras dos piratas anglo-francezes para as garras dos piratas yankees. Os patriotas da Republica que se amolem com a venda, elles que a tornaram possivel. O povo não tem nada com isso... Quanto a não ver sahida para a situação, engana-se e vê mal o olho de aguia do sr. Ruy. Ha uma sahida: a revolução social. Sahida como a que teve o povo russo em revolução, não reconhecendo as dividas contrahidas pela aristocracia governamental dos czares. E como o povo russo, o povo brasileiro saberá, duma só cajadada, liquidar o pirata estrangeiro como o pirata nacional. Este não é melhor do que aquelle e serão ambos arremessados para o mesmo inferno da execração publica. E muito se arrisca o sr. Ruy a ir com ambos, pois que, feitas rigorosas contas, não longinquo será o seu parentesco moral e monetario com elles...

Astper

O nome de Deus tem servido para tudo, para os grandes e pequenos negocios da velhacaria humana. — *João Ribeiro.*

Visão revolucionaria

O edificio social, argamassado com sangue, com odio, com fel, com a injustiça, com a miseria, tem todas as paredes rachadas. Ameaça um desmoronamento infernal.

Ai daquelles que fizeram do seu Capital um motor de oppressões!

Ai daquelles que pisaram o pobre, que corvejaram sobre a sua carcassa!

Ai daquelles que exploraram as viuvas e os orphãos!

Ai daquelles que lançaram innocentes na treva dos calaboiços!

Ai dos que se serviram do dinheiro para as suas devassidões!

Ai dos falsos apostolos que andaram illudindo o povo com promessas illusorias, com bugigangas tolas, com cascaveis vanhosos!

Ai daquelles que andaram ás voltas com o Sobrenatural, porque tambem serão enviados em commissão ao Sobrenatural!

Ai dos socialistas palacianos, dos assombrados, dos fracos, dos covardes!

Ai delles!

Porque ficarão como a mangueira á qual caem as flores. Ficarão como o mulungú ao qual caem as folhas.

Ficarão como uma floresta devastada pelo sopro dos incendios...

Não tremo por mim.

So tremo por vós todos, ó loucos, ó poderosos, ó grandes, que estais cavando o proprio abysmo!

Ai de vós! Ai de vós!

Octavio Brandão.

"A PLEBE"

A PLEBE publica-se sob a responsabilidade de um grupo de camaradas, estando a sua compilação confiada a *Edgard Leuenroth*.

Da administração está encarregado *Evaristo Ferreira de Souza*, a quem deverão ser endereçados os vales postaes e registrados, devendo ser com elle tratado tudo quanto se relacione com o trabalho de assignaturas, pacotes, venda avulsa, bem como a cobrança em geral.

* * *

Os amigos e companheiros que effectuaram pagamentos na primeira phase do jornal, terão as respectivas importancias levadas ao seu credito, desde que nol-o communiquem.

* * *

Afim de dar a maior divulgação possivel á folha e estender a nossa propaganda, além das assignaturas, estabelecemos á venda avulsa em pacotes, para serem adquiridos pelas organizações operarias, grupos, companheiros e sympathizantes que tratarão de os distribuir ou revender.

Cada pacote de *12 exemplares* custa *1$000*, não devendo haver demora nos pagamentos, pois isso crearia embaraços á nossa administração, já sobrecarregada de muito trabalho.

Forças moraes... e forças concretas

A reboque da boa imprensa conservadora e... roedora da metropole carioca, mais ou menos todos os jornalecos provincianos destas terras immensas do Brazil desandaram ás patadas contra a impronuncia que abriu as grades da Republica aos nossos camaradas presos, no Rio, desde 18 de Novembro. Dentre outros aqui temos á frente um recorte, que nos enviou um amigo de Bello Horizonte, cortado do jornal *Diario de Minas*, da capital mineira, o orgam da situação governante.

Acompanhando o terço dos Lages, Salvadores, Botelhos e demais parceiros do jornalismo bem pensante e melhor... sonante, o *Diario de Minas* espichou a gancho, em vernaculo duvidosissimo, ahi assim por coisa de tres quartos de columna, pejados e inchados de veneno e sobretudo de imbecilidade contra os anarchistas.

Escreveu o emperrado plumitivo do antigo Curral d'El-Rei — por mais que o rotulem de Bello Horizonte, o Curral ha de ser sempre o Curral —, escreveu, diziamos, como argumento supremo contra os anarchistas, que as «forças moraes» que mantém o Brasil estão de atalaia para os repellir, sem dó nem piedade, mesmo por cima dos juizes.

Ora, viva!

Mas que cerebrinas «forças moraes» são essas? São as que têm como guardiães imperterritos os Botelhos, os Salvadores e os Lages graúdos e miúdos da Republica?

Está bem. Concordamos. Porque precisamente por isso é que nós, os anarchistas, havemos de levar a cabo, implacavelmente, a nossa obra de saneamento revolucionario, quebrando as garras a todos os rapinantes da Democracia, desmantelando-lhes o farto regimen da gamella olygarchica, e entregando ao povo, nas proprias mãos do povo, o que ao povo pertence, isto é — tudo. E mediremos então essas forças moraes, defendidas pelos escribas assoldadados á burguezia, com as nossas forças concretas, que vão crescendo, vão crescendo...

E isso é que vai ser um *match*!

A' Classe Graphica

Um appello

Lamentavel, desastroso mesmo é o estado de inercia em que jaz a Classe Graphica de S. Paulo.

Esta classe que, por sua natureza, devia ser a primeira entre todas as outras, é, entretanto, a ultima a comprehender a responsabilidade do momento, mantendo-se, na mais imperdoavel isolação.

E' necessario lembrar que a palavra «graphica», (do grego escrever) já encerra em si alguma coisa de intellectual, e, portanto, seria bom não desmentirmos a sua etymologia.

Varias vezes tem-se tentado entre nós o resurgimento da classe e quasi podemos affirmar que os esforços desenvolvidos com esse intuito têm resultado infructiferos. Mas, qual o motivo? Perguntarão os collegas; e nós formulamos tambem a mesma pergunta. Qual o motivo para esta falta de organização, este abandono inconsciente de nossa classe?

Sem pretender ferir a susceptibilidade de ninguem, diremos bem alto que a culpa é de todos: a desconfiança, germen esse que sempre imperou e que impera ainda em nossa classe; a falta de iniciativa, a pouca comprehensão do dever e, mais do que tudo, o empenho de querer manter nos por mais tempo ainda no mesmo estado de inconsciencia e afastamento das ideias emancipadoras e libertadoras que agitam o mundo. Não queremos dizer com isto, que a classe graphica não tenha bons elementos; tem-nos, e dignos de figurar em qualquer meio social, porém, mais de 80 ojo dos graphicos annullam por completo o esforço d'aquelles collegas que, si fossem attendidos nos seus já pleiteados rogos, não estariamos a lamentar a decepção soffrida e o estado de mesquinhez, a que estamos infelizmente reduzidos. Urge, pois, uma transformação radical; é precizo acabar de uma vez por todas com o scepticismo inconsciente de nossa classe; é necessario combater a apathia reinante; é preciso esquecer as amarguras do passado; é necessario perdoar-nos mutuamente as rencilhas que, para infelicidade nossa, existam no seio da classe, e que, compenetrando-nos do dever que o momento nos impõe, lancemos as bases da nossa associação que, no momento opportuno, pruduziria os beneficios almejados.

Só assim, unidos e cohesos, é que poderiamos oppôr a resistencia necessaria; só assim é que seriamos dignos de tomar parte no pleito que se approxima, de cujo resultado depende o conforto e bem estar de todo o operario, de todo o homem livre.

Graphicos de S. Paulo, uni-vos!

Operarios de todas as classes, uni-vos! Já foi desfraldada a nossa bandeira, levantemol-a bem alto, pois ella nos lembra os martyres que em sua defesa succumbiram e não é digno que um pendão tinto em sangue libertario seja attingido pelo lodaçal immundo da corrupção burgueza.

Bem alto, operarios; bem alto...

Innocencio Sanches.

N. da R. — Constatamos com alegria que os graphicos de S. Paulo já se movem no sentido da organização. O appello do camarada Sanches não será, de tal modo, feito em vão. Urge, pois, que todos cerrem as fileira de combate.

AOS TRABALHADORES DA LIGHT

Poucas classes de trabalhadores são tão deshumanamente exploradas e vilipendiadas como a que se compõe dos empregados da Light.

A poderosa, a omnipotente empreza canadense, além dessa espoliação directa sobre o trabalho alheio, exerce ainda uma pressão terrivel contra os seus servidores, no sentido de os não deixar organizarem-se para defeza propria.

A espionagem, a delação, os processos mais baixos e torpes são ali praticados, com o maior cynismo, afim de impedir os escravizados motorneiros, conductores, etc., de se unirem numa associação de classe, que os tornaria fortes e cohesos.

Prova de que a Light teme a associação, e si a teme é porque a associação poderá embargar-lhe a ganancia insaciavel...

Motivo, pois, a mais para levar os conductores e motorneiros a empregar todos os esforços possiveis para a formação do gremio associativo indispensavel.

Neste sentido eu faço um caloroso e premente apello a todos os companheiros: é necessario que empreguemos a maior energia com este fito. Cada um de nós, embora com as cautelas indispensaveis, deve consagrar-se, como a um dever de honra, á obra grandiosa da associatividade, incitando e estimulando a todos, para que em breve, a par das outras classes de São Paulo, que despertam, neste momento, tenhamos tambem o nosso baluarte de defeza e de luta.

A hora chegou, no mundo, para o operariado, mas para o operariado que luta e batalha.

UM MOTORNEIRO.

Quando é que os homens verão a necessidade da administração directa das coisas pelos proprios productores e consumidores? — *Neno Vasco.*

Centro dos trabalhadores da Ilha do Governador

Desde o tempo epidemico da hespanhola se achava paralysada a vida associativa da Ilha. Reuniram-se, porém, de novo, a 20 de abril ultimo, os trabalhadores desta localidade, resolvidos a reencetar activamente a sua nova phase.

A's 2 horas da tarde daquelle dia perante um numero regular de companheiros, falou o camarada José Calazzo analysando a vida dos trabalhadores, fazendo longa exposição sobre a sua posição. A seguir tomou palavra o camarada Manuel Joaquim da Silveira, que concitou os operarios a unirem-se, tendo em vista a propria educação social, moral e intellectual. Referiram-se, ambos esses companheiros, á verdadeira situação dos trabalhadores na Russia, Baviera, Hungria, etc., onde deixaram de ser bestas de carga e vão-se tornando homens senhores de si, libertos da escravidão.

Foi distribuido aos presentes o ultimo numero d'*A Plebe*. — M. S.

Considerações sobre a organisação operaria

PELA DIGNIDADE PROLETARIA

Ouvi algures falar sobre a necessidade iniludivel de se fazerem reconhecer as Ligas Operarias, pelo Estado, afim de evitar que, antes ou depois, ellas venham a ser dissolvidas pela intervenção da policia sob o pretexto de existirem illegalmente, não possuindo o inestimavel patrimonio de um estatuto, registrado e approvado pelas autoridades competentes.

Ora, um tal reconhecimento é impossivel obter sem recorrer a uma fraude: senão fingindo que as Ligas se organizam debaixo de um estatuto idiota, que vigorará apparentemente, ficando ellas de facto governadas por um «regulamento interno» muito diverso do outro.

Uma mentira, portanto, que quer ser ardilosa, mas que afinal não tem utilidade nenhuma, porque — prescindindo mesmo da constatação repetidas vezes verificada de que o registro e o reconhecimento nunca impediram, á policia, fechar esta ou aquella associação operaria, depois de tel-as saqueado — deixa e sanciona o pretexto para a intervenção arbitraria da autoridade, nos organismos associativos operarios, sendo-lhe reconhecida a faculdade de fiscalização, e, por accrescimo, com o tal regulamento interno, justificado o facto do caracter illegal da sociedade, desde que esta se rege por normas que não são aquellas publicadas.

Um reconhecimento juridico das organizações operarias constituidas debaixo do aspecto da resistencia de classe, não pode ser comprehendido pela actual legislação... a qual nunca se preoccupou de questões sociaes e que considera um crime a gréve, pois os juristas-fazendeiros, filhos de escravocratas, dezenas de annos atraz, não podiam imaginar nunca que os operarios chegassem a tanta falta de respeito para com os patrões.

Melhor, portanto, ser francos e audazes e evitar situações equivocas, não praticando actos de covardia além de tudo sem proveito.

Façam os operarios daqui, o que seus irmãos de outros paizes já fizeram. Organizem-se, dispensando uma approvação que o Estado não lhes pode, baseado nas leis que hoje vigoram, conceder, senão atravez de um engodo que ficará depois sendo uma arma terrivel na mão da autoridade. Organizem-se e defendam elles mesmos as suas organisações, assim como se fez em toda a parte onde o proletariado chegou a adquirir consciencia de classe.

E algures deu-se isto: quando os governos viram que era impossivel sustar o movimento associativo de resistencia deixaram as cousas correr, quando não chegaram, de facto, a reconhecer o inevitavel, tratando de potencia a potencia, com organizações operarias que não possuiam dois estatutos, porém um só, intransigente e subversivo.

Porque aqui, no Brasil, no Estado de S. Paulo, onde a lei é o arbitrio, onde não ha defeza juridica contra o chanfalho do policial gatuno, bebado e sanguinario, o movimento de organização operaria terá que iniciar-se com um «inutil» acto de covardia?

Sentem ou não os operarios paulistas a necessidade de se organizarem em Ligas de classe, pela resistencia conquistadora e não para a beneficencia que esmola? Sim? Pois bem, associem-se com o firme proposito de defender suas organizações a qualquer preço, custe o que custar. A cousa não será no começo facil; mas quando a policia que defende os industriaes se tiver convencido que deve bater-se contra uma «força» inabalavel, podem estar certos que ninguem mais tentará fechar a séde da Federação Operaria ou desta ou daquella associação de trabalhadores que querem a propria emancipação.

Nesta hora, em toda a parte do mundo, o proletariado se esforça por cortar os ultimos liames que o prendiam ao Estado; tende a ser uma nação, um mundo á parte, e, ás solicitações dos governos que se humilham, responde com altivez... aqui, ao envez, se quer estabelecer um precedente de subserviencia para gosar de uma assaz problematica tolerancia.

Sendo assim, melhor é desinteressar-se de um movimento de finalidade estupidamente egoistica, e preoccupar-se exclusivamente com a nossa propaganda, porque o que mais importa, o que é preciso, é dar uma consciencia ao individuo: a esta cellula fecunda do conjuncto social.

Dir-se-ha que entre os operarios existem ainda muitos que não comprehendem a necessidade da organisação como força de renovação, de libertação integral; que receiam fazer cousa que os beleguins não consentem. A observação é exacta. Porém o melhor systema para levar os individuos retrogrados para a frente não é certamente o de se deixar arrastar por elles, acompanhando-os em suas aspirações de escravos, que querem ficar escravos, e cujo supremo ideal é um pouco mais de tempero na comida.

Melhor é deixal-os á sua illusão... que se desvanecerá logo, de que dentro da lei, feita por burguezes, encontrarão garantias para exigir dos burguezes umas migalhas.

Sejamos francos com todos, com os nossos inimigos tambem. Que vale juntar hoje um «poderoso» rebanho de carneiros, se estes, amanhã, ao primeiro ulular dos lobos, debandarão acovardados?

Porque não dizer desde já as verdades que será necessario dizer amanhã; porque enganar, por enganarmos?

A organisação da classe operaria ha de ser feita para elevar o proletariado moralmente e materialmente: não para conquistas transitorias e nullas.

As 8 horas e o 40 o/o... são, para um breve amanhã, o encarecimento do custo da vida...

No emtanto, concordo que são uma conquista... Mas para conserval-os é preciso ir adiante, sempre adiante e para ir adiante é preciso ter não só coragem, mas dignidade.

E é esta qualidade essencial que falta á maioria dos proletarios.

G. Damiani.

Exhortação aos operarios

> *Quanto melhor as consciencias, que são a verdadeira força, apprenderem a associar-se sem abdicar, quanto mais consciencia do seu valor tiverem os trabalhadores, que são o numero, mais faceis e pacificas serão as revoluções.*
> *(Eliseu Reclus).*

Attentemos bem nestas palavras e procuremos fazer mais alguma coisa do que até aqui temos feito, para que, quando soar para nós a hora da nossa remissão, não tenhamos que esbarrar a miudo com inconscientes — o que seria grande contratempo — aquelles que tomarem a si a tarefa de remodelar a sociedade.

Não ha quem não sinta um fremito de alegria ao ouvir falar na possivel igualdade social.

Não ha quem negue applausos e louvores a qualquer iniciativa com o escopo de attingir-se esse fim.

Mas, palmas e louvores não custam trabalho e são de resultado nullo. O que é preciso para chegar-se a um resultado producente são factos; numa palavra, é preciso trabalhar.

Trabalhar com afinco para conseguirmos a diminuição da ignorancia no seio da massa obreira. Diga-se a verdade: no Brasil, mesmo por falta de organização, ou falta de liberdade, ou melhor, por falta de vontade, a ignorancia ou a inconsciencia, como queiram, é muita.

Não raro, porém, ouvimos phrases envoltas em fumaradas de enthusiasmo, como estas, por exemplo:

"O maximalismo avança, tomára que chegue logo até nós tambem... Eu seria o primeiro a sahir á rua! Viva a igualdade! Viva a revolução social! Abaixo a burguezia!" etc.

Vãs palavras, no entanto. Todos esses fazem como o bebé, que bate palminhas quando se lhe mostra uma "teteia".

Como se o maximalismo devesse chegar de aeroplano ou cahir do céu...

De braços cruzados, á espera, para comermos o "bolo" já feito, é que nunca o comeremos. Seria tambem uma vergonha! Devemos ajudar a sua confecção.

Por toda a parte nota-se a azafama para aproveitar a occasião propicia que se nos depara afim de abater a burguezia.

Devemos tambem ir-nos preparando para a luta. Quando tocar a reunir, não basta lançar-se furiosamente na batalha. Bem diz Eliseu Reclus no seu bello livro — "Evolução e Revolução": "E' tempo de prever, de calcular as peripecias da luta, de preparar scientificamente a victoria que nos dará a paz social. A condição primeira do triumpho é estarmos desembaraçados da nossa *ignorancia.*"

Devemos, portanto, trabalhar nesse sentido. Que cada operario consciente seja incançavel para illucidar o seu companheiro obscuro. Ao envez de serem tão assiduos nos cinemas ou nas sociedades recreativas, reunam-se em suas casas e syndicatos, e estudem a questão social através dos livros ou dos jornaes de propaganda. Leiam para os que não o sabem, ouvir.

Ainda que alguns se mostrem scepticos demais, não importa; a sua consciencia com um raio de luz ha de illuminar-se melhor do que com o desenrolar dos factos. O que importa é diminuir a *ignorancia*.

A' medida que decresce a ignorancia, enfraquece a força dos nossos adversarios. E poderemos assim, sem tanto derrame de sangue innocente, marchar para a conquista do nosso ideal:

Para todos, com equidade, os patrimonios das Sciencias e da Natureza!

Isa Ruti.

E os presos?

E' preciso libertal-os!

Apesar das informações mentirosas da policia, ha ainda muitos operarios presos e entre elles os seguintes:

Manuel Perdigão, que se acha detido desde 29 de abril, tendo sido espancado e transportado para S. Paulo muito enfermo;

Affonso Moreno e Manuel Garrido, tambem de Santos;

Francisco Signorelli e Francisco Caparbo, de Sorocaba, detidos desde o dia 6;

Mario Cordeiro e mais outros operarios de Osasco;

Domingos Pereira, infamemente espancado, constando que falleceu em consequencia das brutalidades de que foi victima;

Eugenio Kraemer, Miguel Baroni, Theodoro Ceccon e Antonio Mauricio, presos por occasião das revoltantes violencias da policia ao serviço de Nami Jaffet, no Ipiranga.

Porque continuam presos esses operarios? Porque assim apraz á policia ao serviço do Capital.

O operariado, porém, é que não pode consentir que esses companheiros continuem a soffrer, ainda que tenha de declarar a greve geral. Libertemol-os!

As inauditas violencias commettidas em Osasco pela policia

Devido á absoluta falta de espaço, deixamos para o numero seguinte, a publicação do impressionante relato, que nos foi enviado por uma testemunha ocular, das brutalidades sem nome praticadas pela policia contra os grevistas de Osasco.

DESPERTAR PROMISSOR

Lutando para melhorar de situação e preparando-se para a batalha decisiva

A greve prosegue cohesa em muitas fabricas

Multiplicam-se as organizações de resistencia

A Federação Operaria, em communicação á imprensa, explica porque ainda se acham em greve muitos operarios e porque outros, que já haviam voltado ao trabalho, foram levados a abandonal-o novamente.

E' que, com o regimen das 8 horas, pleiteado pelos trabalhadores, não devem os salarios soffrer baixa. «Se um operario trabalha por peça — diz a Federação — só ganha o que possa fazer e se ganha por hora tambem só ganha as horas que trabalha. Logo, para coordenar o ganho diario de um trabalhador no regimen das 8 horas, é necessario que o augmento seja de tal modo quer no trabalho por peça, metro, quantidade ou empreitada, quer no trabalho por dia, de sorte que o augmento somme uma diaria igual á que percebiam quando trabalhavam dez, doze, quatorze horas.

Os industriaes, baseando-se no augmento feito em 1917 phantasiam os 20 por cento de então, com o augmento agora seguido, formando assim a cifra de 40, 50, 60, e 70 por cento.

Que importam os 20 por cento do passado se a somma do ganho em oito horas, não dá a diaria igual á que percebiam antes da greve actual?

E assim só terá solução este conflicto, quando forem attendidos os operarios em greve».

União dos Chapeleiros

Esta velha organização obreira, que tambem participou do grande movimento grevista, convoca a classe dos trabalhadores em fabricas de chapéus para a assembléa geral extraordinaria que será realizada amanhã, ás 9 horas da manhã, em sua séde social, á rua Xavier de Toledo, 58.

Nessa reunião deverão ser tratados assumptos de importancia, razão pela qual nenhum chapeleiro deverá deixar de a ella comparecer.

União dos Operarios das Fabricas de Vidros e Crystaes

Surgiu com a greve para sustentar as reclamações da classe e proseguir na luta da reivindicação da classe proletaria.

Terça feira á noite effectuou uma numerosa reunião de propaganda, na qual falaram varios operarios sobre a questão operaria e a luta social.

Nessa mesma assembléa ficou constituida a sua commissão administrativa provisoria.

Avante! pela emancipação obreira!

Liga Operaria da Construcção Civil

Realiza uma assembléa geral amanhã, ás 9 horas da manhã, á rua Florencio de Abreu, 45, para a qual convoca toda a classe.

Seria lamentavel que os trabalhadores da construcção civil tambem não se activassem neste momento de despertar obreiro, mormente tendo-se em conta que foram elles dos que menos proveito tiraram da greve.

União dos Caramelistas e Chocolateiros

Afim de ser constituida a União dos Operarios Caramelistas e Chocolateiros, haverá amanhã, ás 14 horas, na rua Joly, 126, uma reunião da referida classe, á qual se espera larga concorrencia.

Os trabalhadores desta classe, como todos os demais, devem se capacitar que a sua emancipação só será conseguida pelo seu proprio esforço em luta directa e permanente contra a burguezia exploradora.

Unam-se, pois, arrancando desde já as melhoras necessarias para tornar menos tormentosa, preparando-se para a batalha decisiva contra o capitalismo.

Associação Graphica de S. Paulo

Varios trabalhadores desta classe constituiram-se em Commissão organizadora e promovem activamente a agremiação dos operarios do livro e do jornal.

Neste sentido, lançaram um appello aos collegas, convocando-os a uma assembléa geral da classe, para amanhã domingo no largo do Riachuelo, 56 (altos), para constituir definitivamente a Associação Graphica de S. Paulo.

Em Cruzeiro

A gréve nesta cidade declarou-se na segunda-feira ultima, com caracter geral, e á hora em que escrevemos está quasi totalmente victoriosa.

De nada valeram as sinistras perseguições policiaes. Os operarios não tremeram das carelas treppoffeanas e mantiveram-se firmes e intransigentes. Fecharam-lhes a séde da União Operaria 1.o de Maio e inundaram a cidade com 80 praças de policia... mas a sua energia permaneceu integra e recebeu o premio da victoria.

A Rêde Sul-Mineira accedeu a quasi todos os itens das reclamações apresentadas. Augmento de salarios, generalisação das 8 horas para todo o pessoal do trafego como das officinas, salario minimo para os aprendizes, abolição do trabalho aos menores de 14 annos, etc.

Como é de regra, em taes occasiões, a gréve de Cruzeiro teve tambem os seus crumiros, desgraçados cujos nomes devem ser apontados á execração publica: Augusto Dantas, Miguel Grandinetto, Affonso Christiano e mais quatro encarregados de serviço.

A directoria da União Operaria 1.o de Maio e mais alguns militantes, que haviam sido presos, foram soltos mais tarde, com a victoria.

Em Lageado

O Syndicato dos Canteiros desta localidade fez publicar varios manifestos, expondo a sua attitude firme e denunciando ao publico as trampolinagens de um tal Salvador di Tulio, famigerado traidor das classes obreiras, hoje um patrão mais explorador que os exploradores mais carranças.

No Rio

A agitação é intensissima nos meios proletarios cariocas. Lavra uma verdadeira febre de organização e de gréves. As assembléas se realizam com um enthusiasmo inedito, e demonstrando todas uma nitida consciencia revolucionaria collectiva.

Além dos Marinheiros e Remadores, que [illegible] inicio do movimento, acham-se actualmente em gréve, no Rio, os tecelões da Corcovado e os operarios menores do Moinho Inglez e da S. Felix, os Alfaiates, os Trabalhadores em fabricas de cerveja e os Manipuladores de tabaco.

Todas as outras classes estão sendo igualmente sacudidas pelo fremito das reivindicações, obtendo umas o que querem só com a ameaça de gréve, e outras aprestando-se resolutamente para a luta.

Muito de notar, repetimos, é a febre de organização. Os velhos syndicatos se revigoram e augmentam os effectivos e a energia combativa; novas associações surgem cada dia, norteando-se todas pelos methodos mais avançados.

Destas ultimas, uma das mais inesperadas, pela galhardia com que inicia as suas pelejas sociaes, é a União das Costureiras. Si nos não enganamos é esta a primeira organisação só de operarias que se fórma no Brazil. E o exemplo é muito de imitar.

Merece destaque a constituição, pela maioria das organizações operarias do Rio, do Comité de Defesa dos Direitos de Gréve, o qual, como a sua denominação indica, se destina a defender e sustentar, por todos os meios, os direitos de gréve.

No Rio Grande do Sul

Indubitavelmente a policia de São Paulo faz escola... Os factos desenrolados na cidade do Rio Grande, á 8 do corrente, são tão caracteristicamente barbaros e brutaes, que parece terem sido praticados sob a direcção pessoal do dr. Bandeira ou de Schmidt.

Façamos um resumo secco desses factos, segundo nol-os conta o importante diario sulino *Echo do Sul*.

Para protestar publicamente contra anteriores violencias, a Sociedade União Geral dos Trabalhadores convocára um comicio para a praça General João Telles.

Grande massa popular acorrera ao appello da S. U. G. T., concentrando-se na sua séde, de onde partiu incorporada para o local acima. Eram mais de tres mil operarios, vendo-se grande numero de mulheres, á frente da multidão.

O cortejo seguia animado, enthusiasta, mas em perfeita ordem sem excessos...

Em dado momento, barrando o caminho para a praça General João Telles, surgiu um esquadrão de cavallaria, commandado por um sargento, o qual se arremessou com inaudita ferocidade contra a massa obreira, numa carga tremenda, espadeirando a torto e a direito. Foi um momento de panico...

Sem occultos intuitos, desarmados, e apanhados de sopetão, com tamanha brutalidade, homens, mulheres e crianças corriam, desesperados, em todas as direcções, debaixo da perseguição implacavel dos cavallarianos heroicos e ordeiros...

Mas a brava façanha não contentou os sanguinarios mantenedores da ordem e da tranquillidade publica. Havia mais ainda.

Dispersados, os grevistas foram aos poucos se concentrando de novo na séde da Sociedade U. G. dos Trabalhadores.

De repente viram apparecer numerosa força de cavallaria e de infantaria, em frente da séde, precedida do delegado judiciario.

Essa força foi postada em ordem de combate, com os joelhos em terra e carabinas apontadas para o edificio onde se achavam os operarios.

Diante dessa insolita aggressão e na imminencia de verem a séde social atacada pelos janizaros, os grévistas, justamente revoltados, resolveram reagir a bala, custasse o que custasse. E foi um tiroteio nutrido...

No fim da batalha havia um morto e muitos feridos, a maioria dos quaes, escusado é dizel-o, composta de operarios.

E é assim como no Rio Grande do Sul, governado pelo positivismo comteano, regimen por excellencia da neutralidade governamental nos conflictos entre operarios e patrões..., é assim que por lá se mantém e assegura a boa ordem publica. Tal como cá — o que constitue motivo de justificado orgulho para São Paulo, o estado modelo, cujos exemplos se imitam com tão captivante fidelidade pelos outros governos da federação.

Depoimento insuspeito

"O direito de reunião foi praticamente abolido, os comicios dissolvidos, as sédes das associações operarias, regularmente inscriptas, foram brutalmente violadas pela soldadesca. Não só grupos como individuos foram victimas da violencia da soldadesca. Cidadãos foram presos com formas inacreditaveis de violencia e mantidos, por muitos dias, em rigorosa custodia, sem outro delicto, senão o de manifestarem as suas opiniões, nada tendo praticado contrario ás leis. Sem mandado de pessoa competente, numerosos cidadãos foram identificados forçadamente, sem nenhuma autorisação regulamentar para isso, com evidente vexame".

(Do discurso pronunciado ante-hontem, na Camara dos Deputados, pelo sr. Nicanor Nascimento, a proposito da grève paulista).

Em Uberaba

Tambem nesta cidade do Triangulo Mineiro teve repercussão o grande movimento grevista.

Após animada reunião na União Trabalhista local, os alfaiates decidiram declarar-se em greve, reclamando varias melhorias.

Outras classes, muito provavelmente secundarão essa agitação reivindicadora, pois é geral o desespero contra a exploração capitalista.

Em Petropolis

Os graphicos desta cidade fluminense acabam de organizar-se em associação de classe, aprestando-se assim para entrar em luta.

Bravo! Este é o caminho...

Campo Grande

Acompanhando o movimento geral, que se alastra por todo o estado, pela organização das forças obreiras, os operarios desta localidade de Matto Grosso deliberaram tambem fundar a sua Liga Operaria.

Que não poupem esforço e boa vontade, os companheiros de Campo Grande, e verão que a sua agremiação prosperará, tornando-se um baluarte forte para a defesa dos interesses do proletariado. Porque esse é o segredo de toda a prosperidade: boa vontade e esforço, esforço e boa vontade... E não se importem os camaradas com os estatutos mais ou menos minuciosos.

Minas

VILLA ELOY MENDES

A 1.o de Maio ultimo fundou-se nesta localidade do sul de Minas uma União Operaria, com um largo programma de educação e propaganda.

A União Operaria de Eloy Mendes filia-se ao Partido Communista do Brazil, constituindo o nucleo do mesmo naquella localidade.

Os canteiros de Cotia

Antes de cederem á feroz intransigencia dos industriaes carranças desta localidade, os canteiros de Cotia preferiram debandar, para outras paragens, abandonando as pedreiras á ganancia das unhas patronaes, para que estas as envoquem e debastem por si proprias, si quizerem...

Ecos do 1.º de Maio

Em Bento Gonçalves

Em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, pela primeira vez se realizou uma demonstração operaria, no 1.o de Maio ultimo.

Os operarios da localidade, tendo á frente uma banda de musica a executar hinos a proposito, fizeram uma passeata, terminada por um comicio em que falaram tres companheiros sobre a significação revolucionaria daquella data.

Nessa mesma occasião os presentes ao comicio resolveram fundar uma Liga Operaria, que será o orgam de luta dos trabalhadores de Bento Gonçalves.

No Rio Grande

Nesta cidade sulina, baluarte antigo do movimento operario, teve o 1.o de Maio digna commemoração. A União Geral dos Trabalhadores distribuiu profusamente um pequeno e vibrante manifesto, incitando o operariado local a abandonar o trabalho, naquelle dia, e convocando-o para uma grande sessão em sua séde social. E a sessão teve começo, com effeito, ás 18 horas da tarde, sendo grande a concorrencia dos trabalhadores.

Em Goyaz

A nossa obra caminha... Já nos invios rincões de Goyaz chegou a palavra emancipadora. Com effeito, segundo communicação que recebemos, fundou-se na capital goyana, a 1.o de Maio ultimo, a Liga Operaria de Goyaz, commemorando assim os operarios locaes, de modo proficuo, a grande data nossa.

Avante! que é de tal modo, modestamente, que se iniciam as maiores obras.

O processo Arouca

Os tyrannoides paulistanos acabam de soffrer mais uma decepção... Queremos referir-nos ao desfecho que teve o processo Arouca. Este camarada, um dos nove deportados do *Curvello*, em 1917, voltando recentemente a S. Paulo, foi processado pelas autoridades, por esse crime — *ter voltado a S. Paulo*. Pois o juiz competente vem de liquidar o caso de vez, impronunciando Arouca — *porque elle não foi então regularmente deportado, nem mesmo podia sel-o*!

Isso vale uma rija bofetada em plena cara sorridente e cynica desta queixuda autocracia...

O trabalho dos menores

Os proprietarios da fabrica de tecidos da Saude persistem na deshumana tarefa de attrahir ao trabalho infelizes menores, ali exploradas com um requinte de crueldade sem par.

Pretendendo manter o horario de 10 horas, aquelles industriaes chamaram, ha dias, ao serviço, as moças. As mais velhas protestaram que só o fariam quando os homens tomassem igual deliberação, pois eram inteiramente solidarias com as suas reivindicações. O gerente conseguiu, porém, arrebanhar umas 12 meninas de 10 a 14 annos, declarando que eram sufficientes para que a fabrica recomeçasse a trabalhar.

E' na verdade revoltante a oppressão que esses industriaes exercem, aproveitando-se cobardemente da fraqueza das crianças. Mas a hora ha de chegar em que pagarão tudo por junto...

O GERMINAL

Começou a circular no Rio, a 1.o de Maio, o quinzenario communista *O Germinal*.

Temos á vista esse primeiro numero, bem como o segundo, ambos repletos de boa materia doutrinaria e critica.